

**BALADA DO ASFALTO**  
**“A ALMA É O SEGREDO DO NEGÓCIO”**

Érica Aragão Monteiro (UNIGRANRIO)

[erica.aragao.ufrj@gmail.com](mailto:erica.aragao.ufrj@gmail.com)

Anna Paula Lemos (UNIGRANRIO)

[annapaulalemos@gmail.com](mailto:annapaulalemos@gmail.com)

Nesse trabalho intitulado, analisaremos a canção “Balada do asfalto” (Álbum “Balada do asfalto e outros Blues, 2005) apontando reflexões sobre o homem urbano que flana<sup>37</sup> na rua em busca de afeto, mas sente-se perdido e encontra a dor. Será abordado o tema da angústia e da solidão do homem urbano nos espaços públicos onde as mercadorias humanizam-se e os humanos coisificam-se. Como numa produção cinematográfica, em que tempo e espaço se sobrepõem em flashes e sombras, na canção Balada do Asfalto, a voz poética de Zeca narra em primeira pessoa cenas, pensamentos, sensações e desejos de um homem urbano que, andando pela cidade, vê um mundo, mas pouco é visto. Segue a canção para que prossigamos a análise.

**Palavras-chave:** Balada do asfalto. Canção. Poesia. Zeca Baleiro.

**Balada do asfalto**

**YouTube**

*Zeca Baleiro*

Me dê um beijo, meu amor  
Só eu vejo o mundo com meus olhos  
Me dê um beijo, meu amor  
Hoje eu tenho cem anos, hoje eu tenho cem anos  
E meu coração bate como um pandeiro num samba dobrado  
Vou pisando asfalto entre os automóveis  
Mesmo o mais sozinho nunca fica só  
Sempre haverá um idiota ao redor  
Me dê um beijo, meu amor  
Os sinais estão fechados  
E trago no bolso uns trocados pro café  
E o futuro se anuncia num *outdoor* luminoso  
Luminoso o futuro se anuncia num *outdoor*  
Há tantos reclamos pelo céu  
Quase tanto quanto nuvens  
Um homem grave vende risos  
A voz da noite se insinua  
E aquele filme não sai da minha cabeça  
E aquele filme não sai da minha cabeça

---

<sup>37</sup> Flanar é um verbo derivado do francês que significa andar sem compromisso, sair sem rumo, perambular. Segundo referência de Baudelaire o *flâneur* “é uma pessoa que anda pela cidade a fim de experimentá-la”.

Rumino versos de um velho bardo  
Parece fome o que eu sinto  
Eu sinto como se eu seguisse os meus sapatos por aí  
Eu sinto como se eu seguisse os meus sapatos por aí  
Há alguns dias atrás vendi minha alma a um velho apache  
Não é que eu ache que o mundo tenha salvação  
Mas como diria o intrépido cowboy, fitando o bandido indócil  
A alma é o segredo, a alma é o segredo  
A alma é o segredo do negócio.

O título da canção “Balada do asfalto” nos remete ao tipo de composição denominado balada, referência a uma história apresentada em forma de poesia, uma obra musical de movimento cujos predicados da narrativa são líricos e dramáticos. E a expressão adverbial (do asfalto) que qualifica essa balada, nos indica que o cenário e o enredo principais dessa balada serão a rua, a cidade, o asfalto. O asfalto ganha um forte status já que o homem da cidade se sente invisível e só, então o protagonismo em alguns momentos é o cenário da cidade e em outros, o homem que nela vive. Dessa forma, a voz da canção narra a poética e a dramaticidade dessas cenas.

Entre o lirismo e a dramaticidade nota-se um personagem que caminha e olha com profundidade para si e para a cidade entre automóveis, sinais, *outdoor* e solícita, insistentemente, um beijo ao seu amor. Nessa canção-narrativa o olhar do personagem para a cidade e para si revela a solidão e a angústia daquele que não é visto, mas que vê as contradições, apelos consumistas e os conflitos do espaço. E aquele que vê, sofre, se angustia, põe sua alma a prova daquilo que a cidade oferece e da mobilidade constante. Sobre essa maneira de olhar atenta e móvel, BOSI (2000), afirma:

Olhar tem a vantagem de ser móvel, o que não é o caso, por exemplo, de ponto de vista. O olhar é ora abrangente, ora incisivo. O olhar é ora cognitivo e, no limite, definidor, ora é emotivo e passional. O olho que perscruta e quer saber objetivamente das coisas pode ser também o olho que ri ou chora, ama ou detesta, admira ou despreza. Quem diz olhar diz, implicitamente, tanto inteligência quanto sentimento. (p. 10)

No primeiro verso da canção o personagem solícita, utilizando um verbo no imperativo, um beijo a sua amada (“me dê um beijo, meu amor”), depois afirma: “Só eu vejo o mundo com meus olhos”. Ele dirige-se a suposta amada desejando afeto e revelando a singularidade da sua maneira de ver o mundo. A palavra “só” assume sentido polissêmico pois tanto pode ser interpretada como um adjetivo (sozinho) como um advérbio (somente), ampliando a sensação de isolamento e introspecção do

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

personagem da balada. Então, a voz que fala na canção, pode estar sozinho vendo o mundo com seus próprios olhos, ou pode estar em meio à multidão onde somente ele vê o mundo com seu próprio olhar. Em seguida, repete-se o verso “Me dê um beijo, meu amor”, o que traz um tom lírico e uma certa expectativa para a narrativa da canção. A solicitação do beijo, em versos repetidos e intercalados na primeira estrofe, amplia a expectativa de que algo aconteça e, principalmente, que a voz da amada responda a solicitação, porém a interação entre os personagens não acontece, quebrando, pois, tal expectativa do enredo comum em histórias de amor. O que também pode representar o homem urbano que anseia ao afeto, mas percebe-se sem laços, sozinho entre os espaços da cidade.

Além disso, no verso seguinte (“Hoje eu tenho cem anos”) há um tom dramático misturando o presente (hoje) com o futuro (cem anos). O tempo psicológico do personagem faz com que ele se sinta com cem anos, insinuando um indivíduo experiente e idoso, porém deslocado e atemporal diante do caos interno (sua mente) e externo (a cidade). Esse homem parece não ter mais tempo a perder, por isso anseia pela vida e pelo olhar do outro.

Nas cidades, a existência de um homem de cem anos é algo raro, devido as condições materiais e aos modos de vida impregnados de excessos de coisas e hábitos que não priorizam a saúde. Assim, há uma incoerência entre ter literalmente cem anos e andar só pela cidade. Por outro lado, revela-se a coerência da sensação de ter cem anos no espaço da cidade, já que mesmo um homem de meia idade pode sentir-se “idoso” pelo cansaço e excesso de experiência que as cidades oferecem. Quando o personagem afirma ter cem anos, parece trazer como possibilidade de interpretação para o receptor a sensação de muita vida em um só tempo e espaço, cujo tempo é hoje e o espaço é a cidade. Em contrapartida, a estrofe seguinte revela a oposição à aceleração do movimento de vida na cidade, ao apresentar na fala do personagem, a comparação entre as batidas do seu coração e um pandeiro que bate como num samba dobrado (“E meu coração bate como um pandeiro num samba dobrado”); ou seja, a sensação de viver e movimentar-se em compasso binário, num ritmo mais lento já que este ritmo de samba é marcado pela pausa e possui menos popularidade. Representa uma quebra de ritmo da vida urbana, assim a voz-lírica opõe o seu ritmo interior ao ritmo externo da cidade.

Na sequência da letra nota-se mais três versos que embalam a caminhada do Ser em busca de afeto na cidade

Vou pisando asfalto entre os automóveis  
Mesmo o mais sozinho nunca fica só  
Sempre haverá um idiota ao redor.

De forma contundente, Baleiro, representa o homem urbano que sozinho na imensidão de pessoas das cidades entre automóveis, observa que “mesmo o mais sozinho nunca fica só” pois as multidões da cidade conduzem a proximidade entre as pessoas, e assim é possível até a percepção daqueles que são idiotas e que podemos estabelecer algum contato. A voz da canção expõe uma contradição do homem urbano moderno: viver na multidão e ser sozinho. A cidade que ao mesmo tempo causa solidão é também o espaço da aproximação, onde o público e privado se misturam. Nessa multidão, Baudelaire nos apresenta o *flâneur* o personagem que perambula pela cidade denominado “o homem das multidões”, observando-a e convivendo com a sensação de ser só na multidão e de observá-la. Para Benjamim (1989), no *flâneur*: “se esconde a vigilância de um observador que não perde de vista o malfeitor. Assim, o detetive vê abrirem-se à sua autoestima vastos domínios. Desenvolve formas de reagir convenientes ao ritmo da cidade grande”. (p. 38)

Para trazer a ideia do homem só na multidão de idiotas, a voz da narrativa inicia o percurso usando a expressão “Vou pisando asfaltos”. Pisar asfaltos apresenta uma imagem concreta e rígida semanticamente, já que é uma ação que pressupõe pôr os pés sobre algo ou sobre um caminho, além de indicar, em sentido conotativo, uma humilhação. Há uma hierarquização quando se pensa em pisar, pois algo será pisado ou esmagado por quem pisa, assim o asfalto apresenta-se inferiorizado diante do homem que tenta trilhar seus caminhos. Diferentemente de caminhar que traz uma semântica mais leve, associando-se a passos e horizonte, pisar indica uma força e hierarquia. Essas imagens podem representar simbolicamente a verticalização das cidades nas relações e classes sociais, além da própria imagem arquitetônica repleta de arranha-céus que fazem o homem sentir-se menor. Traz à tona ainda, a verticalização econômica, social, cultural em que pirâmides demonstram classes sociais em que uns são “superiores” a outros.

Nas cidades é crescente a desigualdade social, e, o distanciamento entre as classes, também. Isso é um fator gerador de solidão e segregação no espaço público, ampliando a sensação de isolamento do homem urbano. Os homens urbanos *pós-modernos*<sup>38</sup> constroem seus espaços muito

---

<sup>38</sup> O termo pós moderno é aqui empregado conforme a visão de Bauman, ou seja, período pós revolução industrial e fortalecimento do capitalismo cujas relações passaram a ser frágeis e

próximo a outros, como os prédios imensos em que residem mais de mil moradores, mas não conhecemos nem o vizinho, além disso, o luxo e a pobreza também estão lado a lado, mas ao mesmo tempo isolados por representações simbólicas e econômicas. Então a sensação de isolamento se dá no espaço da rua e no espaço privado.

Outro aspecto interessante que podemos identificar na canção é que a repetição da fala “Me dê um beijo” aumenta a solidão e a procura pelo outro, revelando um homem que busca afeto, mas que não encontra o retorno, permanecendo sozinho, invisível, angustiado e ansioso. Revela-se aí as fragilidades, a liquidez das relações no espaço da cidade. Na canção não há uma outra voz que corresponda a solicitação da voz-lírica, então fica subentendido que o personagem perdeu um amor ou está longe dele e tenta resgatá-lo enquanto caminha no meio do caos da cidade. Na estrofe seguinte, a voz poética da canção solicita o beijo e afirmar:

Os sinais estão fechados  
E trago no bolso uns trocados pro café.

O amor nesse contexto se mostra líquido (Bauman) e próximo aos negócios num jogo em que se ganha e se perde facilmente. Não há a concretização da relação, pois os sinais fechados impedem a passagem (tanto concreta quanto simbólica) para uma aproximação com a amada. Além disso, a voz afirma que traz uns trocados pro café, ou seja, em uma relação, um homem da cidade precisa ter algum “trocado” para que se estabeleça a troca de sentimento, o que torna os relacionamentos semelhantes a negócios e acarreta a perda do sentido de segurança afetiva e acolhimento. São relações cujos laços se perdem e permanecem outras formas de trocar afetos, estabelecidas por bens materiais, o que facilmente de desfaz, contribuindo para a ansiedade e insegurança dos indivíduos. Segundo Bauman em “O Amor Líquido”:

Na medida em que os relacionamentos são vistos como investimentos, como garantias de segurança e solução de seus problemas, eles parecem um jogo de cara-ou-coroa. A solidão produz insegurança — mas o relacionamento não parece fazer outra coisa. Numa relação, você pode sentir-se tão inseguro quanto sem ela, ou até pior. Só mudam os nomes que você dá à ansiedade. (p. 16)

---

mutáveis, as ideologias e valores pautam-se em trocas rápidas e fáceis, assim se estabelecendo o que ele denomina de relações líquidas. Relações em que se dá a metamorfose do cidadão, o enfraquecimento do sistema de proteção estatal e o fortalecimento do individualismo.

Em sequência, fala-se:

E o futuro se anuncia num *outdoor* luminoso  
Luminoso o futuro se anuncia num *outdoor*.

Há uma relação semântica entre o que é claro (luminoso) e futuro. Assim como num *outdoor* em que a propaganda nos oferece possibilidades de ganhos e felicidade, a voz do poema também espera um futuro luminoso que vê em um *outdoor* iluminado. A imagem nessa passagem é bastante plástica adaptando-se ao olhar do cidadão urbano da canção, e representando o das sociedades contemporânea.

As cidades pós revolução industrial e processos de modernização foram re(criadas) e seus espaços de comércio passaram a ser iluminados, são lugares onde se anuncia felicidade e realização e onde a iluminação contribui para despertar os desejos dos consumidores. Além disso, as imagens, os aspectos visuais marcam as relações de consumo e relações afetivas nas grandes cidades. Consumimos pelo estímulo que recebemos pelo olhar e nos relacionamos também com base nesse princípio. A possibilidade de realização dos próprios desejos e a felicidade moldurada sintetizam a sociedade pós-moderna aberta, plural fortemente influenciada pela publicidade que oferece diversas oportunidades de “ganhos”. O *outdoor* vende a ideia de felicidade e realizações que propõe iluminar o homem e seu futuro.

O consumo nas cidades é uma relação basicamente percebida pelo viés material ou econômico, mas que certamente se transfigura no simbólico. Assim vemos que o desejo do homem solitário e aflito da cidade é consumir algo que lhe dê todo o afeto que não recebe, suprimindo suas carências e trocando por coisas aquilo não tem estabelecido por relações humanas. A cultura de consumo que se consolidou no ocidente a partir do século XIX é o espelho do modo de vida capitalista e racional; inverteu-se os valores da sociedade em que as coisas se humanizam e os homens coisificam-se. Nesse sentido, o consumo transforma relações sociais, hábitos, percepção dos espaços e o significado dos objetos. Na sociedade contemporânea, principalmente nas grandes cidades, há uma coisificação do desejo e uma programação do olhar. O homem que anda pela cidade, fascina-se, seduz-se e perde-se, mas permanece observando-a, assim como a voz Lírica da canção que aproxima a imagem e o sentido de “reclamos” a “céu” comparando-os à quantidade de nuvens

Há tantos reclamos pelo céu  
quase tanto quanto nuvens.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Nesses versos mescla-se a visão da quantidade de propagandas com a quantia de nuvens, ou seja, o excesso e a fluidez.

Walter Benjamin assim como Bauman refletem a vida urbana como um modo de vida moderno cujas relações entre os cidadãos são móveis, fluidas e onde a sociabilidade é próxima apesar da solidão. Nesse sentido, a dinâmica do olhar é de importância vital para quem vive na metrópole, estabelecendo-se uma relação dialógica entre os indivíduos e a cidade e entre o que se vê e o que se deseja ver. A cidade consome o olhar e o olhar quer consumir elementos da cidade, as sobras dessa relação de consumo ficam à deriva como lixo perdido. E assim a cidade vai se constituindo em meio a sua humanidade. É o espaço dinâmico e caótico captado pelos olhos e que, ao mesmo tempo, desgasta o olhar. Segundo Beatriz Sarlo (2014):

A cidade é um território aberto à exploração por deslocamento dinâmico, visual, de ruídos e cheiros: é um espaço de experiências corporais e intelectuais; é medianamente regulado, mas também vive das transgressões menores às regras. (p. 13)

Aos olhos urbanos a atividade de observar coisas, pessoas e o cotidiano adquire a dimensão de espetáculo em mutação constante, porém, para a voz lírica de Balada do asfalto, esse espetáculo é percebido com um olhar específico, o olhar do *flâneur*. Na estrofe seguinte, a voz lírica, como o *flâneur*, observa o espaço da cidade com um olhar singular e poético, mas influenciado pelos elementos da vida urbana, então vê, como num filme, uma sequência de imagens que indicam ações, cenas e a passagem do tempo: Um homem sério vendendo risos (“um homem grave vende riso”), a noite chegando (“a voz da noite se insinua”) e as suas memórias (“aquele filme não sai da minha cabeça”). Interessante notar que com muita maestria se construiu imagens poéticas que jogam com ideias opostas, como sério e riso, filme (registro de imagens por meios artificiais) e cabeça (registro de imagens por meios naturais) apontando os paradoxos do homem da cidade e as aparentes desconexões que há entre o mundo interno do Ser o mundo externo. O comércio de riso, ironicamente, representa as relações econômicas em que até afetos são vendidos.

Em sequência o verso “Rumino versos de um velho bardo” apresenta um tom narrativo *non sense* revelando alguns contrassensos – O primeiro é: um poeta velho que rumina versos. Ruminar é uma ação essencialmente fisiológica feita por bovinos no processo digestório, já em versos de um velho poeta, apresenta-se uma imagem essencialmente hu-

manizada e marcada pela experiência. Dessa forma, Baleiro aproxima o instinto à razão, revelando emoções contraditórias e angustiantes que são comuns nos cidadãos das metrópoles. E segue com o verso “parece fome o que eu sinto”, ampliando assim as expressões de desejo, vazios e busca humana.

O lirismo dramático se adensa na imagem do personagem seguindo seus sapatos. Ou seja, há nessa imagem uma metáfora em que o sujeito-lírico busca expressar sua subjetividade e sua dor condensadas em um mesmo ser pela sensação de seguir sapatos. Em primeira pessoa ele afirma o que sente: “Eu sinto como se eu seguisse os meus sapatos por aí”, revelando um homem que parece à deriva, e guiado por elemento inanimado (sapatos). Os sapatos personificam-se e assim trazem o anseio da voz-lírica por encontrar rumos que não se definem, mas se ampliam como num labirinto (por aí). Assim a narrativa da canção vai revelando cenas e sensações que representam o homem perdido e invisível diante da cidade.

Além dessas imagens, Zeca representa, pela voz lírica, a busca do homem pelo valor da alma. Ele vende a alma a um velho apache (“há alguns dias atrás vendi minha alma a um velho apache”), metáfora que busca valorizar a alma através de uma relação comercial estabelecida por um comprador que representa o líder de um grupo nativo da América do Norte. Nesse momento, a narratividade hibridiza elementos da grande cidade com outros, de culturas e espaços fora da cidade, revelando algo que se vê nas identidades do homem urbano repleto de interseções culturais.

Esse sujeito, que se expressa em primeira pessoa, não acredita em uma salvação (não é que eu ache que o mundo tenha salvação) porém crê que a alma é o segredo do negócio. A voz-lírica expressa sua crença com base na promessa feita pelo cowboy – figura que expressa força e confiança - ele diz que a alma é que tem valor, é na alma que está o segredo do negócio

Mas como diria o intrépido cowboy  
fitando o bandido indócil  
A alma é o segredo, a alma é o segredo do negócio

Nesses versos, Baleiro mais uma vez usa de uma figura que não faz parte do contexto das grandes cidades (o *cowboy*) para revelar uma fala em que este personagem rural posiciona-se como um herói que vem nos salvar, vem salvar o *flâneur* abandonado na multidão da cidade. Essa



## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

necessidade do herói lembra as reflexões de Benjamim (1989) sobre a importância da existência de um herói na modernidade, ao analisar Baudelaire, afirma: “O herói é o verdadeiro objeto da modernidade. Isso significa que para viver a modernidade é preciso uma constituição heroica”. (p. 73)

Por fim, o personagem encerra suas reflexões no asfalto, lugar onde sua balada de amor não se concretiza e sua alma e de outros sujeitos citadinos revela-se entre valores e sensações de vazio e angústia, além de mesclar-se com mercadorias e elementos da cidade. Elementos que são metáforas da realidade e dos imaginários urbanos. Representação do homem urbano como parte do movimento da cidade, como uma “peça” que compõe este espaço, mas que se sente deslocado.

Em entrevista dada ao jornal Folha de São Paulo, Zeca Afirma: “Eu acho que a metáfora do asfalto sintetiza muita coisa, de bom e de ruim. Significa o estrangulamento do homem moderno e os novos caminhos que as estradas abrem”, explica ele.

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0508200519.htm#>.

Zeca Baleiro intertextualiza com o ditado “A propaganda é a alma do negócio” e inverte o valor que o dito dá ao marketing, valorizando a alma e colocando-a como um elemento central do negócio. No verso seguinte outro fato improvável, o *cawboy* como o herói da cidade, como aquele que vem salvar as estradas do homem e os caminhos perdidos.

Associando a poética da canção aos aspectos das cidades e buscando as representações que ela traz, vemos que as sensações, desejos, anseios do homem urbano e os cenários e movimentos do espaço das cidades são comuns aos grandes centros urbanos da contemporaneidade. Comuns, mas não únicos, já que todo homem e cidade são repletos de identidades que possibilitam caminhos e manifestações diversas, ora agregando outras vivências e identidades, ora repelindo-as, assim como ora isolando-se, ora unindo-se a outros, mas constantemente, mesmo em meio ao caos, buscando o valor de sua alma, assim como fala a voz da canção (“a alma é o segredo do negócio”).

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALEIRO, Zeca. Balada do asfalto. *Balada do asfalto e outros Blues* (álbum), MZA, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. *Tempos líquidos*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SARLO, Beatriz. *A cidade vista. Mercadorias e cultura urbana*. 1. ed. São Paulo: WMF Martins fontes, 2014.